

Adverbiais portugueses no século XVI¹

Sônia Bastos Borba Costa
Grupo PROHPOR
DLV – IL – UFBA

1 Introdução

Com o intuito de contribuir para uma futura mais completa história da língua portuguesa, e consciente da escassa disponibilidade de dados sistematizados, atinentes à sua morfossintaxe, concentramo-nos nos últimos dois anos no estudo dos itens adverbiais simples e locucionais de textos portugueses do século XVI, lidos na íntegra ou por amostragem, na tentativa de compulsar e compreender sistematicidades possíveis na sua formação, funcionamento e mudanças que tenham sofrido. A pesquisa continuou estudos antes desenvolvidos sobre textos dos séculos XIV, XV e XVI², e concentrou-se em quatro tópicos, a saber: a) levantamento exaustivo dos itens adverbiais; b) estabelecimento dos seus processos morfossintáticos de formação; c) análise da produtividade desses processos; d) observação de pontos de interesse para seu estudo, sob o enfoque da teoria da Gramaticalização. No período foram produzidos três comunicações (Costa, 2000a, Costa, 2000b, Costa, 2001) apresentadas, respectivamente, nas XVII e XVIII Jornadas de Estudos Lingüísticos do GELNE – 1999 e 2000 – e no II Congresso Internacional da ABRALIN – 2001. A pesquisa motivou ainda a tese de Doutorado, em elaboração, “Adverbiais espaciais e temporais do português: indícios diacrônicos de gramaticalização”.

2 O corpus

O *corpus* com que vimos trabalhando compõe-se dos seguintes textos:

¹ Trabalho final resultante do projeto de pesquisa “O português quinhentista: estudos lingüísticos-advérbios e locuções adverbiais”, integrado ao Programa para a história da língua portuguesa (PROHPOR) - terceira fase (1999 – 2001).

² Projetos de pesquisa intitulados “A língua portuguesa do período arcaico para o moderno: advérbios e locuções adverbiais” e “Aspectos morfossintáticos do português quinhentista: advérbios e locuções adverbiais”, ambos integrados ao Programa para a história da língua portuguesa (PROHPOR) nos períodos de 1995 - 1997 e 1997 – 1999, respectivamente.

1. **Carta de Pero Vaz de Caminha (CPVC)** - texto de 1500, na edição de Sílvio Batista Pereira (1964): texto integral, perfazendo 919 linhas;
2. **Cartas de D. João III (CDJ III)** – as de números 1 a 22, escritos entre 1521 e 1531, na edição de J. D. M. Ford (1931); quota de 1.4000 linhas;
3. **Cartas da Corte de D. João III (CCDJ)** – as de número 3, 8, 36, 37, 43, 47 (enviadas pelo Infante Luís); as de número 50 a 79 (enviadas pela Rainha); as de número 84, 85 e 86 (enviadas pelo Duque de Bragança); a de número 162 (enviada pelo Infante Dom Fernando); as de número 163, 164, 165 (enviadas pelo Infante Henrique), textos escritos entre 1530 e 1562, na edição de J. D. M. Ford e L. J. Moffat (1931); quota de aproximadamente 1.000 linhas;
4. **Gramática da Língua Portuguesa (GJB)** – texto publicado em 1540, de autoria de João de Barros, na edição de Maria Leonor Buescu (1971) – texto integral, perfazendo 1.993 linhas;
5. **Diálogo em Louvor de Nossa Linguagem (DLNL)** – texto publicado em 1540, de autoria de João de Barros, na edição de Maria Leonor Buescu (1971) – texto integral, perfazendo 437 linhas;
6. **Diálogo da Viciosa Vergonha (DVV)** – texto publicado em 1540, de autoria de João de Barros, na edição de Maria Leonor Buescu (1971)- texto integral, perfazendo 1.266 linhas.

A eleição do século XVI como período de observação justifica-se pelas características culturais de Portugal à época, destacadas por Mattos e Silva, secundando Ivo Castro (Castro, 1996: 137, apud Mattos e Silva, 1999: 2 –3): a) a normatização lingüística progressiva; b) o português como “língua de ensino” e não só apenas o latim; c) o aumento da população letrada; d) a implementação da produção tipográfica, a qual envolve vários agentes (autores, impressores, livreiros, censores, revisores, etc.); e) o português como (meta) linguagem sobre si mesmo. Inclua-se também o fato de ser o português do século XVI o ponto de partida do português no Brasil.

A eleição dos textos, além de submeter-se à confiabilidade do tratamento lingüístico das edições disponíveis, pretendeu diversificar a amostra, incluindo textos narrativos, epistolares e metalingüísticos. A inclusão do CPVC (texto do último ano do século XV) deveu-se, não só à relevância sócio-história do texto, datado, localizado, testemunho vivo de característica tão marcante da história portuguesa dos Quinhentos

– o confronto com um *outro* cultural – como à sua relevância lingüística: é uma carta-narrativa, escrita à moda de diário em dias sequenciados, no calor dos acontecimentos. É, portanto, um texto rico na expressão das circunstâncias que cercam os atos de fala ou que delimitam o âmbito das predicções, apresentando, devido ao apuro nos detalhes, demonstrado pelo seu autor, ampla variedades de noções normalmente expressas por itens adverbiais. Tomamo-lo, então, como exemplar do estágio inicial da língua portuguesa do século XVI.

3 Os conceitos de advérbio e locução adverbial

A primeira questão que se pôs à análise foi o estabelecimento de critérios para o isolamento de itens, em síntese, a assunção de uma conceituação de *advérbios*. Julgamos que nosso entendimento da classe dos advérbios pode ser resumido nos seguintes pontos:

- a) sintaticamente são satélites de um elemento sintático, intra ou extra-sentencial, são intransitivos e bastante deslocáveis na sentença;
- b) morficamente, são, tipicamente, invariáveis e podem ser simples, locucionais, derivados e compostos;
- c) semanticamente, podem ser modificadores ou não do elemento que satelizam.

Concentrando-nos na sintaxe, entendemos que o advérbio é palavra periférica, ou seja, é satélite de um elemento sintático (seu escopo) e admitimos que essa é a única característica sintática identificadora dos advérbios, visto que essa classe parece atualizar diversificados conteúdos que não estão veiculados pelos elementos sintático-semânticos considerados essenciais, como: morfemas derivacionais, o fenômeno da concordância, a ordem sentencial, relações de transitividade ou preenchimento de posições argumentais.

Utilizamos a denominação *adverbiais* para referir conjuntamente os tradicionalmente chamados *advérbios* e as também tradicionalmente chamadas *locuções adverbiais*, renunciando a separá-los em dois grupos, por não nos parecerem viáveis critérios que distingam, seguramente, elementos considerados autônomos, como, por exemplo, *devagar*, *acima* e *debaixo*, de elementos considerados locucionais, como, por exemplo, *de fora*, *em breve*, *em cima*. Assim, os dois tipos serão aqui denominados

itens adverbiais. Distinguimos itens adverbiais (simples e locucionais) de itens conjuncionais e preposicionais (simples e locucionais), pela natureza não-juntiva dos adverbiais face ao caráter juntivo, quer envolvendo sentenças, quer sintagmas, característico dos dois últimos.

A segunda questão que se pôs foi a precisa caracterização de seqüências constituídas por SPs ou SNs como locuções adverbiais (para nós, seqüências em processo de gramaticalização), distintas de SPs ou SNs que preenchem funções típicas de advérbios, mas não compõem o elenco das formas de adverbiais já consolidadas pelo uso, disponíveis ao falante. Em trabalho de 1996 (Mattos e Silva, 1996: 205/207) apresentamos os seguintes critérios de delimitação:

3.1 **SPs com função adverbial** (ex.: com fome)

- a) Permitem intercalação entre dois elementos;
- b) Há ampla possibilidade de comutação do elemento nuclear, que mantém seu significado literal básico;
- c) Se SPs iniciados pela mesma preposição e citados em seqüência, dispensam a repetição da preposição que os inicia;
- d) Apresentam baixa ocorrência (freqüência).

3.2 **Locuções adverbiais** (ex.: em cima)

- a) Não permitem intercalações;
- b) Há baixa possibilidade de comutação do elemento nuclear, que, em geral, está afastado do seu significado literal;
- c) Se citados em seqüência, não dispensam a repetição de todos os seus elementos constituintes, inclusive a preposição, no caso dos SPs;
- d) Ocorrem com freqüência;
- e) Continuam sendo consideradas locuções contemporaneamente ou são análogas a locuções ou advérbios atuais quanto à estrutura morfossintática.

Esses critérios, nem sempre exaustivamente aplicáveis, foram estabelecidos como instrumentos de análise, sobretudo mas não exclusivamente, para tentar captar a modificação operada quando uma locução se cristaliza em advérbio, por processo de *reanálise*, entendida como “ processo por meio do qual os falantes mudam sua percepção de como os constituintes de uma língua estão ordenados no eixo

sintagmático” (Castilho, 1997: 53). Consideramos, assim, itens adverbiais locucionais aqueles que, por sua frequência e grau elevado de coalescência, constituem itens fixados no léxico da língua (lexia), diferentemente de SNs ou SPs que formam conjuntos não sistemáticos. Para a seleção das preposições que introduzem esses adverbiais locucionais (no caso de SPs), coerentemente com o que expusemos acima, ativemo-nos preferencialmente, às preposições *a, de, em, para/pera, por/per*, pelo seu maior grau de paradigmaticidade, no sentido de Lehmann (1982), a saber, a inclusão dos itens em questão em paradigmas, que se caracterizam por frequência de uso e coesão interna, refletida na regularidade das distinções intra-paradigmáticas, o que produz, ao nosso ver, um tipo de previsibilidade. Para ilustrar, observe-se o quadro abaixo, em que preposições incorporam-se aos mesmos núcleos lexicais, formando adverbiais reconhecíveis na oralidade sincrônica e expressando, numa espécie de paradigma, embora por vezes defectivo, casos locativos e temporais clássicos, como o ablativo (lugar de onde); o dativo ou alativo (lugar para onde); o caso “via” – na denominação de Svorou, 1993 – (lugar por onde) e o tempo presente:

aonde	-	-	-
donde	daí	dali	dagora
-	-	-	-
para onde	para aí (praí)	para ali (prali)	para agora (pragora)
por onde (pronde)	por aí (pelaí)	por ali	por agora
-	acima	abaixo	
daqui	de cima	de baixo	
-	em cima (e ^o cima)	em baixo (e ^o baixo)	
para aqui	para cima (pra cima)	para baixo (pra baixo)	
por aqui	por cima	por baixo	

As preposições *a* e *em*, como se vê, são as responsáveis pelo maior número de defecções. Isso se deve, no nosso entender, ao fato de que *a* vem sendo preterida por *p(a)ra* e *em* parece representar redundância em relação ao conteúdo semântico de muitos itens lexicais, sobretudo os que expressam lugar e tempo, ocorrendo com maior frequência em locuções formadas com adjetivos, constituindo adverbiais “de modo” (*em breve, em comum*).

3.3 As locuções adverbiais descontínuas

Observação interessante deve-se fazer acerca das locuções adverbiais descontínuas (ex.: *não... mais*). Assim estamos denominando itens adverbiais locucionais que ocorrem intercalados por outro elemento, geralmente um verbo. Incluímo-las entre os itens locucionais, porque são usadas em conjunto e têm significado indivisível. Nos textos analisados, as principais são as seguintes (não registramos as variantes gráfico-fonéticas):

- a) *nom... já* (CPVC)
- b) *nom... mais* (CPVC, CDJ III, CCDJ, GJB)
- c) *nom... ainda* (CPVC, CDJ III, CCDJ)
- d) *nunca... mais* (CPVC)

Observamos que as quatro locuções permanecem em uso. *Não... mais*, bastante usada no Brasil, é o antônimo de *ainda* em pares como:

- (1) Ele *ainda* vem
- (2) Ele *não* vem *mais*

Não... já é usado sobretudo em Portugal com o mesmo sentido de *não... mais*, variando com *já não*:

- (3) Ele *não* vem *já* / ele *já não* vem

Não... ainda varia, no Brasil, com *ainda não*:

- (4) Ele *não* veio *ainda* / ele *ainda não* veio

Uma delas, portanto, mantém-se descontínua; duas têm variantes contíguas, que ganham em coalescência e fixidez sintática (posição pré-verbal), e a última das citadas é atualmente sempre contígua e pré-verbal.

- (5) Ele *nunca mais* veio

4 Os processos de formação

Feito o levantamento exaustivo das formas de adverbiais nos textos indicados (foram encontrados 185 itens adverbiais, além daqueles formados pelo sufixo [-mente]), estabelecemos seus processos morfossintáticos de constituição diacrônica, a partir de sua etimologia. Isolamos 31 processos, que apresentamos a seguir, acompanhados de alguns exemplos. A relação completa das formas encontradas está exposta no item 7 deste trabalho:

- (1) ADV < N: *logo, asinha*
- (2) ADV < V: *perto*
- (3) ADV < ADJ: *baixo, certo*
- (4) ADV < ADV: *antes, cedo*
- (5) ADV < SN: *agora, cada dia*
- (6) ADV < PREP + N: *acima, depressa*
- (7) ADV < PREP + SN: *às vezes, pelo contrário*
- (8) ADV < PREP + ADJ: *debaixo, em geral*
- (9) ADV < PRON: *de todo*
- (10) ADV < PREP + V: *de feito*
- (11) ADV < PREP + ADV: *aí, da hora, então*
- (12) ADV < PREP + PREP: *atrás*
- (13) ADV < ADV + ADV: *também, ainda não*
- (14) ADV < ADV... ADV: *não... mais, não... ainda*
- (15) ADV < REFORÇO + PRON: *mesmo*
- (16) ADV < PRON + ADV: *outrossim*
- (17) ADV < PRON + REFORÇO: *isso mesmo*
- (18) ADV < ADV + REFORÇO: *assim mesmo*
- (19) ADV < PRON + CONJ + PRON: *pouco e poucos*
- (20) ADV < PREP + ADV + REFORÇO: *entonces*
- (21) ADV < PREP + PREP + PREP: *depois*
- (22) ADV < PREP + PREP + ADV: *por davãte*
- (23) ADV < PREP + ADV + ADV: *per aqui adiante*
- (24) ADV < ADV + CONJ + ADV: *mais e mais*
- (25) ADV < ADV + PREP + PRON: *dhi a pouco*

- (26) ADV < ADV + SP: *oje em dia*
- (27) ADV < PREP + N + PREP + N: *depomta apomta*
- (28) ADV < PREP + SN + PREP + SN: *a hu Da mão pera out^a.*
- (29) ADV < PREP + ADV + PREP + ADV: *de pouco a mais*
- (30) ADV < ADV + ADV + CONJ + (ADV) + ADV: *pouco mais ou
(pouco) menos*
- (31) ADV < ADJ + [-MENTE]: *novamente, dereitamente.*

Uma terceira questão que se põs quando da análise diz respeito à listagem e conceituação das classes das palavras que tomamos em consideração quando analisamos a formação histórica dos itens adverbiais. Visto que não oferecem novidades face à tradição, não discorreremos sobre nossa compreensão de *nomes* (N), *adjetivos* (ADJ), *verbos* (V), *preposições* (PREP) e *conjunções* (CONJ), mas apresentaremos pequena explanação sobre *determinantes* (DET) e *pronomes* (PRON), considerando que já discorreremos sobre *advérbios* (ADV).

Trataremos como *determinantes* (classe não explicitada nos processos de formação, porque sempre incluída em SNs), aliás como certa tradição descritiva, mais recente que a gramática tradicional, os elementos que têm sua distribuição mais natural como precedentes de nomes e que, em geral, são variáveis, concordando em gênero e número com esses nomes. Nos determinantes incluem-se, portanto, as seguintes classes da nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), representante atual brasileira da taxionomia gramatical tradicional: os artigos, parte dos numerais, os pronomes adjetivos e parte dos pronomes substantivos, Excluímos os numerais da NGB que preenchem núcleo de SNs, como nos exemplos:

- (6) *A novena* foi muito bonita
- (7) Maria ganhou uma *dúzia* de rosas

Em que temos, ao nosso ver, *nomes*; e incluímos os ditos pronomes substantivos da NGB, em exemplos como:

- (8) Você escolhe esta blusa, que eu escolho *aquela*

visto que o elemento destacado é um determinante que precede núcleo elíptico, entendimento, aliás, já explicitado por Pontes no seu clássico trabalho de 1978.

Tratamos como *pronomes* os elementos endofóricos ou exofóricos que preenchem posição de núcleo de SNs e que rejeitam a co-ocorrência de nomes.

Além disso, esclarecemos que, quando um processo de formação se efetiva, introduzindo um novo item em uma das classes consideradas, esse item é já classificado como elemento dessa classe para a descrição dos processos de formação em que figure. Ou seja, o advérbio *agora*, formado a partir do SN *hac hora* (DET + N) é tratado como adverbial na descrição do processo de formação do item *dagora* (PREP + ADV).

5 A produtividade dos processos de formação

5.1 **Processos produtivos** – dos 31 processos formadores de itens adverbiais que foram detectados, 9 mostraram-se mais produtivos, ou porque são representados por muitas formas nos vários textos, embora não se tenham acrescidos itens:

a) ADV < ADV (*bem, hoje, pouco, sempre*)

ou porque são representados por muitas formas nos textos e novas formas vêm se acrescentando:

b) ADV < ADJ + MD [-mente] (*primeiramente, compridamente, largamente*)

c) ADV < SN (*agora, talvez, outra vez*)

d) ADV < ADJ (*pior, melhor, baixo*)

e) ADV < ADV + ADV (*também, aqui*)

f) ADV < PREP + ADV (*dentro, de dentro, assim*)

g) ADV < PREP + N (*depressa, devagar, de cima*)

h) ADV < PREP + ADJ (*debaixo, de novo*)

i) ADV < PREP + SN (*pelo meudo, às vezes, embora*)

Acerca dos processos produtivos de formação de itens adverbiais, observam-se alguns pontos de interesse: a classe dos nomes, quando isolada, não é produtiva como classe matriz (cf. item 5.2); quando comparece nos processos, acompanha-se de determinantes, conformando uma estrutura de SN, ou de preposições, isoladas ou não,

em estrutura de SP. A classe dos advérbios, isolada, muito produtiva na passagem do latim ao português, já em língua portuguesa comparece acompanhada de preposição ou de outro advérbio (exs.: *adiante, também, jamais*). A classe dos adjetivos demonstra importância como matriz, quer isolada (exs.: *alto, baixo*); quer como morfema lexical básico associado ao morfema derivacional *-mente* (este, processo tão produtivo que nos permitimos não listar seus itens representantes); quer como advérbio homônimo, de forma “curta”; quer acompanhada de preposição (exs.: *abaixo, debaixo, decerto*). A classe das preposições, com avassaladora predominância de *de*, seguida de *a* e nunca isolada, acompanha-se de advérbios, adjetivos, nomes, SNs e de elementos de sua própria classe (exs.: *adiante, abaixo, através, acima, embora*). A única classe, portanto, que continua gerando advérbios, quando isolada, é o adjetivo, quer criando advérbio homônimo, quer como item primitivo gerando advérbio composto por sufixação.

5.2 Processos poucos produtivos – os demais 22 processos produziram poucas formas de adverbiais constantes dos textos analisados: (cf. item 7)

Acerca dos processos pouco produtivos de formação de adverbiais, os pontos de interesse parecem ser: as classes de verbos e pronomes perderam sua força como matrizes geradoras. A classe dos advérbios, acompanhada de preposições, de outros advérbios e de conjunções, já produziu itens locucionais que se gramaticalizaram em itens adverbiais simples, (cf. item 5.1, processo *a*), mas não mantém sua força geradora.

6 Índícios do processo de gramatização aplicáveis aos adverbiais encontrados

6.1 A dessemantização de núcleos lexicais – há casos de adverbiais, simples ou locucionais, cujos núcleos semântico-sintáticos sofreram esvaziamento do seu significado referencial. Mantém-se o significante (por vezes com alterações morfofonéticas), mas com o significado obscurecido ou tornado “inconsciente” por parte dos falantes (exs. de forma atuais: *logo, agora, talvez, deveras, acima, defronte, devagar, através*). Para ilustrar, observe-se o caso da forma *novamente*, que sofre uma mudança semântica, visto que ocorre no *corpus* em dois sentidos correspondentes a “de modo novo, inaugural”, e como adverbial temporal de frequência, enquanto no presente ocorre apenas nesse segundo sentido.

- (9) Apresentou-lhe todas as cousas que pera ele criára as quâes Adam conheço, e âs chamou per seu nome, que entám *nòvamente* pôs (DLNL, p.394, ls. 6-7)
- (10) Porque, se perguntáies a um hómem de oitenta anos pera que *novamente* coméça fundár cásas de mil câmaras e retretes, diz: Para meus filhos (DVV, p. 441, ls. 8-10).

6.2 A fixação sintática – este passo do processo de gramatização caracteriza a composição das locuções e sua consolidação em itens adverbiais simples e é tão evidente que dispensa exemplificação. A esse respeito é muito pertinente verificar a crescente coalescência e fixação pré-verbal das locuções descontínuas (cf. item 3.3).

6.3 A recategorização morfossintática – no percurso diacrônico, podemos visualizar caminhos de algumas formas adverbiais:

6.3.1 *Porém, embora, outrossim* – essas formas, em avançado processo de coalescência, atualmente conjunções, as duas primeiras, e marcador discursivo, a terceira, ocorreram como adverbiais em exemplos como:

- (11) E *porém*, porque a prática é contigo, e ordenada aôs de tua idade... (DVV, p. 414, ls. 20-21)
- (12) como dito he, vos vos poderes vy^or em boo ^oda ora (CDJ III, c. 27, l. 29)
- (13) Vy^ode vos *emborra* co^o vosa copanhia (CDJ III, c. 2, ls. 4 – 5)
- (14) ... como se por my^o e^o pessoa fosse feito. *Outrosy* que posam jurar em minha alma que guardarey e comprirey... (CDJ III, c. 19, ls. 39-41).

6.4 A recursividade – Nem sempre enfatizada como recurso atuante no processo de gramaticalização, a recursividade dos processos de formação é registrada em processos como os que se vêem abaixo:

- a) *i* (ADV) – *aí* (PREP + ADV) – *poráí* (PREP + ADV)
- b) *aqui* (PREP + ADV) – *daqui* (PREP + ADV)

A reutilização de um processo de formação num mesmo trajeto diacrônico produz uma espécie de regularidade, de previsibilidade que, parece-nos, deve ser tomada em conta em estudos de gramaticalização, abordagem que pretende demonstrar alguns tipos de sistematicidades no devir das línguas. Castilho (1997: 39) denomina “regramaticalização” a aplicação da recursividade, que produz reforços, e lembra o caso de lat *mecum* > port. ant. *migo* > port. at. *comigo*.

6.5 O estatuto mórfico do elemento inicial de locuções adverbiais – Referimo-nos ao elemento digamos, preposicional, que inicia a maior parte das chamadas locuções adverbiais. Quando se analisam seqüências como *dali* ou *praqui*, que estatuto mórfico deve-se atribuir à forma de anterior preposição? Em elementos como *donde*, *por onde*, *praí*, *pragora*, *debaixo*, *em cima*, que estatuto atribuir às formas *de*, *por*, *pra*, *em*? A questão se coloca desde antes da aglutinação, ainda na locução: o elemento preposicional que a inicia comporta-se como uma espécie de clítico, pois que é um elemento não-acentuado que se incorpora à estrutura acentual de palavra adjacente, formando com ela uma unidade acentual. A ele cabe, apenas parcialmente, a definição de forma dependente, visto que é, virtualmente, uma forma presa, pois não se pode deslocar isolada da palavra que lhe segue. Seriam clíticos? Castilho (1997: 39) refere o percurso N>N relacional > preposição secundária > preposição primária > clítico > afixo, que poderia responder à nossa indagação. Ocorrida a afixação, esses elementos tornam-se afixos de que tipo? Derivacionais? Observe-se que não lhes falta a face semântica, visto que mantêm sentidos como *origem*, *percurso*, *direção*, *posição*, ressalvada a forma *de*, que merece abordagem específica, devido a sua ampla utilização e que teria atingido, talvez, etapa de gramaticalização posterior a *afixo*, tornando-se apenas sílaba inicial de novo morfema lexical básico.

Quanto à direção da fixação, dá-se na direção esquerda > direita, do que resulta um prefixo. É interessante notar, contudo, que, numa forma de preposição (*desde*), a afixação deu-se inicialmente na direção esquerda > direita (DE + EX > *des*) e a seguir na direção direita > esquerda (DES + DE > *desde*). Caso semelhante é o da forma contemporânea *dende* (DENTRO + DE), em frases como:

(15) Ele está *dende* casa

Diacronicamente resultante de anexação da esquerda para a direita (DE + INTRO) apresenta agora outra anexação na direção inversa, como também no exemplo, lembrado por Castilho (1997: 38), *por amor de > prumode*. Temos também o clássico caso dos advérbios em [-mente], nos quais a afixação se deu na direção direita > esquerda. Se se considerar que clíticos em geral se acoplam, em cada língua, numa dada direção, como se devem categorizar esses elementos?

Lembramos que o possível estatuto de afixo derivacional só cabe para as formas em que a face semântica não está obscurecida. Confrontem-se, para esse efeito, as formações transparentes *daqui* e *debaixo* com as possivelmente transparentes *devagar* e *depressa* e as opacas como *depois* e *demais*. Lembre-se a esse respeito a total opacidade para um falante contemporâneo do elemento inicial de formas como *ali* e *então*, nas quais não mais se percebem as preposições *ad* e *in*, correspondendo esse caminho, da transparência à opacidade, ao gradativo processo de gramaticalização, ou seja, quanto mais gramaticalizado mais opaco.

6.6 A unidirecionalidade do processo – Essa questão, no nosso entender, ainda tão pouco clara nos estudos de gramaticalização, colocou-se, sobretudo, para os seguintes casos:

6.6.1 Aglutinação de sintagmas em itens adverbiais – Na diacronia, temos um exemplo como lat. *hac hora* > port. *agora*. No presente temos *neste instante* > *nestante*. Trata-se de passagem de forma dependente para o nível da morfologia, através do léxico? Devemos considerar o léxico como uma etapa do processo? Devemos ver aí um paralelo com processos de composição lexical? Se as ditas palavras compostas são quase sempre formadas por aglutinação ou por justaposição de segmentos de sintagmas ou de sintagmas inteiros, não teremos aí importante etapa do processo de gramaticalização? Muitos adverbiais formaram-se por processos paralelos: além do clássico exemplo dos advérbios em [-mente], temos formas como *talvez*, *todavia* (advérbio, até o século XV), *embora* e *sequer* (não atestado no corpus, mas identificável na atualidade), cujas formações nos parecem semelhantes a palavras como *segunda-feira* ou *bem-te-vi*. Alguns desses adverbiais prosseguiram no percurso de gramaticalização, como os que são atualmente conjunções. Muito significativa é a forma *embora* que, de sintagma preposicional de função adverbial, fixou-se em locução, aglutinou-se em advérbio e atualmente é uma conjunção, ainda que não

prototípica. Lembramos que o único caso de uso adverbial indiscutível dessa forma encontra-se hoje isolado em uma espécie de locução verbal com os verbos de movimentos *ir* e *vir*, ocorrendo, inclusive, uma espécie de composto por aglutinação, a ver:

(16) *Vembora / mbora* (vamos embora)

(17) *Simbora* (ir-se embora).

6.6.2 Advérbios e marcadores discursivos – Confrontando-se exemplos como:

(18) Eu cheguei em casa *agora*

(19) *Agora*, tem sempre (...) numa família grande há sempre um com a tarefa de supervisor (NVRC/SP- D2- 360: 176, apud Neves, 1996: 49).

Vê-se que a forma *agora*, vinda de um sintagma que se cristalizou em advérbio tem sido usada também como marcador discursivo ou, como quer Riso (1993: 32 – 33) “seqüenciador discursivo”, que funciona como “administração do tópico do discurso pelo falante”. Riso cita, entre outras, formas que considera homônimos de advérbios e podem exercer função semelhante (*então, depois, aí, bem, enfim, finalmente*) às quais acrescentamos *ainda* e *já*.

Como aplicar a unidirecionalidade do processo de gramaticalização nesses casos? Trata-se de recategorização morfossintática, da classe dos advérbios para a classe dos marcadores discursivos? Em que os marcadores discursivos se distinguem de conjunções?

Por oportuno, lembramos que essas formas funcionam nos discursos como espécie de ordenadores, indicando manutenção do assunto abordado (*ainda*); atingimento de um ponto previsível ou apresentação de um contraponto (*já*) e mudança ou introdução de um ponto de vista (*agora, bem*); como tratar a homonímia dessas formas sob o enfoque da gramaticalização? As formas estão na fronteira entre dois níveis? Quais? Sintaxe e discurso? Neste ponto, duas indagações se colocaram: a) como ter acesso ao discurso de épocas pretéritas? Seria esse uso discursivo já antigo? e b) como tratar o nível discursivo na linha unidirecional da gramaticalização? As formas partem do discurso para a morfossintaxe ou o discurso é o ponto final? Ou o ponto de

retomada? Talvez quanto ao tratamento do nível discursivo face à unidirecionalidade do processo de gramaticalização, devemos lembrar Castilho (1997: 58) que “gostaria de insistir em que qualquer item lexical contextualizado nos usos da língua preserva, ao mesmo tempo, suas propriedades sintáticas, discursivas e semânticas, sem que precisemos estabelecer correlações de precedência genética entre eles”.

6.6.3 Passagem de elemento sintático satélite para elemento central – Algumas formas como *hoje*, provindas de advérbio latino e, no presente, assim como no século XVI, um adverbial temporal, podem preencher na atualidade posição de argumento verbal, o que para nós, as incluiria na classe dos nomes ou pronomes, mais possivelmente nesta, pela sua condição de não-flexionáveis. Vejam-se exemplos como:

(20) *Hoje* é o dia da festa

(21) *Aqui* é muito bom

Ao meu ver, existe homonímia entre duas formas, uma com uso sintático mais periférico e outra com uso mais central, em função do argumento verbal. Caso semelhante flagramos em exemplos como:

(22) Ele é muito *devagar*

em que uma forma, tradicionalmente identificada como advérbio, ocorre em posição de adjetivo, quando o mais freqüente e amplamente documentado na diacronia e na sincronia é que o adjetivo gere advérbios. Como entender essas passagens a partir do pressuposto da unidirecionalidade de processo de gramaticalização?

6.6.4 Processo sistemático ou aleatório? – Da nossa pesquisa, incipiente, sobretudo no que toca a investigação de processos de gramaticalização, acreditamos poder depreender algumas sistematizações e, para esse efeito, acreditamos ser muito importante a consideração de processos recursivos, visto que a recursividade se nos afigura como a reafirmação diacrônica de possível previsibilidade do processo. É possível, contudo, que possamos encontrar maior ou menor grau de sistematicidade, a depender do nível em que se inclui o seu resultado. Por exemplo, se o processo promove o deslizamento entre classes de palavras, incidindo portanto sobre o nível gramatical, pode atuar mais

sistematicamente que quando aglutina locuções, um processo da área de formação de léxico, este menos propenso à sistematicidade.

7 Relação dos itens adverbiais encontrados no corpus

Listamos a seguir os 185 itens encontrados, separados pelos processos morfossintáticos de formação. Devido ao grande número de itens encontrados, não listamos aqueles formados pelos processos ADV < ADJ + MD. (processo nº 1). Procuramos listar os demais processos em ordem decrescente de produtividade:

2 ADV < PREP + ADV

- *AINDA* (CDJ III; CCDJ; GJB; DVV; DLNL) ~ *A JMDA* (CPVC) ~ *AJNDA* (CPVC) ~ *AIMDA* (CDJ III, CCCDJ) ~ *AYNDA* (CDJ III) ~ *INDA* (CCDJ)
- *ASSAZ* (CPVC) ~ *ASSÁZ* (GJB) ~ *ASAZ* (CPVC; GJB; CDJ III; CCDJ) ~ *AÇAS* (CCDJ)
- *ALI* (CCDJ; GJB; DLNL; DVV) ~ *ALLI* (CCDJ) ~ *ALY* (CPVC; CDJIII; CCDJ)
- *ASSIM* (DLNL; DVV) ~ *ASSI* (CCDJ; GJB; DVV; DLNL) ~ *ASSY* (CDJIII; CCDJ) ~ *ASI* (CCDJ) ~ *ASY* (CPVC; CDJIII; CCDJ)
- *AÍ* (DLNL; DVV) ~ *AHY* (CDJIII) ~ *AHI* (CCDJ) ~ *AHII* (CCDJ)
- *ATE AGORA* (CCDJ) ~ *ATEEGORA* (CCDJ) ~ *ATEE AGORA* (CPVC; CCDJ III; CCDJ) ~ *ATEGORA* (CDJ III; CCDJ) ~ *ATAAGORA* (CPVC) ~ *ATEE AGUORA* (CDJ III)
- *ANTONTEM* (GJB)
- *ADIANTE* (CDJ III; GJB; DLNL; DVV) ~ *DIANTE* (DVV)
- *ATAA LA* (CPVC)
- *ATTAQUY* (CPVC)
- *ATEE ENTÃ* (CDJ III) ~ *ATEE ENTÃ* (CDJIII)
- *ATEE OGE* (CDJ III)
- *DANTES* (CPVC) ~ *D'AMTES* (CDJ III)
- *DIANTE* (CPVC) ~ *DIÃTE* (CPVC) ~ *DIAMTE* (CPVC)
- *DENTRO* (CPVC) ~ *DEMTRO* (CPVC)
- *DAQUY* (CPVC) ~ *D'AQUY* (CDJ III; CCDJ)
- *DALI* (CDJ III; CCDJ; GJB) ~ *DALY* (CPVC)
- *DESI* (GJB; DVV)
- *DAÍ* (DLNL; DVV) ~ *D'AHÍ* (CCDJ)

- *DE FORA* (CDJ III)
- *DAGORA* (CPVC)
- *DE LLA* (CDJ III) ~ *DELA* (CPVC)
- *DE PERTO* (CPVC)
- *DONTEM* (CPVC)
- *DE CAA* (CDJ III; CCDJ)
- *D'HY* (CDJ III)
- *ENTAM* (CPVC; CDJ III; CCDJ) ~ *ENTÃ* (CPVC; CDJ III) ~ *EMTAM* (CPVC; CDJ III) ~
ETAM (CDJ III) ~ *ENTÁM* (GJB; DLNL) ~ *EMTÃ* (CPVC)
- *PERA LAA* (CCDJ) ~ *PERALA* (CPVC)
- *PERAALY* (CPVC)
- *PERAAQUEM* (CPVC)
- *PERA DETRAS* (CPVC)
- *PER FORA* (CPVC)
- *PERHY* (CPVC)
- *POR AQUÍ* (CCDJ) ~ *PER AQUY* (CPVC)
- *POR ENTAM* (CPVC) ~ *POR EMTAM* (CPVC)
- *PERA AGORA* (CCDJ)
- *PERA QUA* (CCDJ)
- *POR CA* (CCDJ)
- *DE DENTRO* (CPVC)

3 ADV < ADV

- *AALEM* (CPVC) ~ *ALLEM* (CCDJ)
- *ANTES* (CDJ III) ~ *AMTES* (CDJ III) ~ *ANTE* (CPVC; CCDJ; DVV) ~ *AMTE* (CPVC)
- *BEM* (CPVC; CDJ III; CCDJ; DLNL; DVV) ~ *BE* ② (CDJ III; CCDJ) ~ *BEEM* (CDJ III)
BEE ② (CCDJ)
- *CEDO* (CPVC; CDJ III; CCDJ)
- *QUASI* (CDJ III; CCDJ) ~ *CAISE* (CDJ III) ~ *CAYSE* (CDJ III) ~ *CASY* (CPVC)
- *FORA* (CPVC; CDJIII; CCDJ) ~ *FÓRA* (GJB)
- *HY* (CPVC; CDJIII) ~ *Y* (CDJIII) ~ *I* (GJB; DLNL; DVV)
- *JÁ* (GJB; DLNL; DVV) ~ *JA* (CPVC; CDJIII; CCDJ) ~ *JAA* (CDJIII; CCDJ)

- *LÁ* (GJB; DVV) ~ *LA* (CPVC; CDJIII; CCDJ; GJB) ~ *LLA* (CDJII; CCDJ) ~ *LAA* (CCDJ)
- *MAIS* (CPVC; CDJIII; CCDJ; GJB; DLNL; DVV) ~ *MAJS* (CPVC) ~ *MAYS* (CCDJ) ~ *MÁIS* (GJB; DLNL; DVV)
- *MAL* (CPVC; CDJIII; CCDJ) ~ *MÁL* (GJB; DLNL; DVV) ~ *MALL* (CDJIII; CCDJ)
- *MUI* (CDJIII; CCDJ; GJB; DLNL; DVV) ~ *MUY* (CPVC; CDJIII; CCDJ)
- *MUITO* (CPVC; CDJIII; CCDJ; GJB; DLNL; DVV) ~ *MUYTO* (CDJIII; CCDJ) ~ *MOJTO* (CPVC)
- *MENOS* (CDJIII; CCDJ; GJB; DLNL)
- *NUNCA* (CDJIII; CCDJ; GJB; DLNL; DVV) ~ *NU*Ⓢ*CA* (CPVC; CDJIII; CCDJ)
- *HOJE* (DLNL) ~ *OJE* (CPVC; CDJIII; CCDJ) ~ *OGE* (CDJIII)
- *POUCO* (CPVC; CDJIII; CCDJ; GJB; DLNL; DVV)
- *QUAM* (CDJIII; CCDJ; GJB; DVV) ~ *QUA*Ⓢ (CDJIII; CCDJ) ~ *CAM* (CDJIII) ~ *CA*Ⓢ (CDJIII)
- *SEMPRE* (CDJIII; CCDJ; GJB; DVV) ~ *SEMPRE* (CPVC) ~ *SE*Ⓢ*PRE* (CCDJ)
- *SI* (DLNL)
- *TA*Ⓢ*O* (CCDJ) ~ *TAM* (CPVC; CDJIII; CCDJ; GJB; DLNL; DVV) ~ *TA*Ⓢ (CPVC; CDJIII; CCDJ)
- *TANTO* (CPVC; CDJIII; CCDJ; DLNL; DVV) ~ *TAMTO* (CPVC) ~ *TA* Ⓢ*TO* (CDJIII)
- *TARDE* (CPVC; CDJIII)
- *NA* Ⓢ*O* (CDJIII; CCDJ) ~ *NOM* (CPVC; CDJIII; CCDJ; GJB) ~ *NO*Ⓢ (CPVC; CDJIII; CCDJ) ~ *NAM* (CDJIII; CCDJ; GJB; DLNL; DVV) ~ *NA*Ⓢ (CPVC; CDJIII; CCDJ)

4 ADV < PREP + N

- *ACIMA* (CDJ III; CCDJ) ~ *AÇIMA* (CDJ III; GJB) ~ *ACYMA* (CDJ III)
- *APENAS* (CCDJ)
- *ACASO* (GJB)
- *ATRAVÉS* (DVV)
- *APREPOSITO* (CPVC)
- *A CABO* (CCDJ)
- *A GEITO* (CCDJ)
- *DE MANHAÃ* (CPVC) ~ *DEMANHAÃ* (CPVC)
- *DEPRESA* (CDJ III)

- *DEVAGÁR* (DVV) ~ *DE VAGAR* (CPVC; CDJ III; CCDJ)
- *DE FRECHA* (CPVC)
- *DE NOITE* (GJB) ~ *DE NOUTE* (CPVC) ~ *DENOUTE* (CPVC)
- *DE DIA* (GJB)
- *DE CIMA* (DVV) ~ *DE ÇIMA* (GJB)
- *EM CIMA* (CPVC) ~ *EM ÇIMA* (GJB) ~ *EᶑCIMA* (CDJ III)
- *EM PESSOA* (CDJ III)
- *EM PARTE* (CDJ III)
- *PER CIMA* (CPVC) ~ *PERCJMA* (CPVC)
- *PERA CJMA* (CPVC) ~ *PERACJMA* (CPVC)
- *PER FORÇA* (CPVC)
- *POR MERCE* (CCDJ)
- *PER RODEO* (GJB; DLNL)
- *PER VENTURA* (DVV)
- *APRESA* (CDJ III)

5 ADV < PREP + SN

- *ABOFFE* (CCDJ)
- *AAPRIMEIRA* (CPVC)
- *AATARDE* (CPVC) ~ *A TARDE* (CCDJ)
- *AO LONGO* (CPVC)
- *A DIÁTE* (CDJ III) ~ *AO DIANTE* (CDJ III; GJB)
- *AO MENOS* (CDJ III) ~ *AO MEENOS* (CDJ III; GJB)
- *ÀS DEREITAS* (CCDJ)
- *ÀS VEZES* (GJB; DLNL; DVV) ~ *AS VEZES* (CCDJ)
- *AO CONTRÁRIO* (GJB)
- *AO PRESENTE* (GJB; DLNL)
- *ÀS VÉSSAS* (GJB)
- *À PRIMEIRA VISTA* (DLNL)
- *DA PRIMEIRA* (CPVC) ~ *DA PRIM^a* (CPVC)
- *EM BOÏA ORA* (CDJ III) ~ *EMBORRA* (CDJ III) ~ *EMBORA* (CCDJ)
- *PELO MEUDO* (CPVC; CDJ III) ~ *PELO MYUDO* (CDJ III)

- *POLA MANHÃ* (CPVC; CCDJ)
- *PELO CONTRÁRIO* (GJB)
- *NEESTE DIA* (CPVC)
- *POR ALGUMAS VEZES*

6 ADV < PREP + ADJ

- *ABAIXO* (CCDJ)
- *ATAA BAIXO* (CPVC)
- *DEBAIXO* (CPVC) ~ *DEBÁIXO* (GJB)
- *DE LOMGO* (CPVC) ~ *DELOMGO* (CPVC)
- *DE NOVO* (CDJ III)
- *DE SÚBITO* (DVV)
- *EM BREVE* (CDJ III; CCDJ; DLNL)
- *EM GROSSO* (CDJ III)
- *EM ESPECIAL* (CCDJ)
- *EM GÉRAL* (GJB)
- *EM PARTICULAR* (GJB)
- *EM COMUM* (DVV)
- *PERA BAIXO* (CPVC)
- *POR DERRADEIRO* (CDJ III) ~ *PER DERRADEIRO* (DLNL)
- *EM CONTRÁRIO* (CDJ III) ~ *EM CONTRÁRIO* (GJB)

7 ADV < SN

- *AGORA* (CPVC; CDJ III; CCDJ) ~ *AGUORA* (CDJ III; CCDJ) ~ *AGÓRA* (GJB; DLNL; DVV)
- *AS MAIS DAS VEZES* (GJB) ~ *AS MAIS VEZES* (DLNL; DVV)
- *CADA DIA* (CDJ III)
- *ESTE DIA* (CPVC)
- *ESTA NOITE* (CPVC)
- *HUUPOUCO* (CPVC; CDJ III; CCDJ) ~ *UM POUCO* (DLNL)
- *HUUPEDAÇO* (CPVC; CCDJ)
- *MUITAS VEZES* (CCDJ; GJB; DLNL; DVV)
- *OUTRA VEZ* (CPVC; CCDJ) ~ *OUTRA VEZ* (CPVC)

• *OUTRO DIA* (CCDJ) ~ *O OUTRO DIA* (DLNL; DVV)

• *TÃ MALAUES* (CPVC)

8 ADV < ADJ

• *BAIXO* (CPVC; CDJ III)

• *BREVE* (CDJ III)

• *CERTO* (CPVC; CDJ III; CCDJ) ~ *ÇÉRTO* (DLNL; DVV)

• *LARGUO* (CCDJ)

• *MELHOR* (CDJ III) ~ *MELHÓR* (DVV) ~ *MILHOR* (CPVC; CDJ III; CCDJ; GJB) ~
MILHOR (CPVC) *MILHÓR* (GJB; DVV)

• *PIOR* (CPVC)

• *PRIMEIRO* (CPVC; CDJ III; CCDJ; GJB; DLNL) ~ *PRIMº* (CPVC)

• *PRÓPRIO* (DVV)

• *RRIJO* (CPVC)

• *SÓ* (GJB) ~ *SO* (CCDJ) ~ *SOO* (CCDJ)

9 ADV < ADV + ADV

• *AQUEM* (CPVC)

• *AQUI* (CPVC; CCDJ; GJB; DLNL; DVV) ~ *AQUY* (CPVC; CDJ III; CCDJ) ~ *QUI* (GJB;
DLNL)

• *CA* (CPVC; CDJ III) ~ *CAA* (CDJ III; CCDJ) ~ *QUA* (CCDJ)

• *JÁ NAM* (GJB) *NÕ JÃ* (GJB)

• *TAMBEM* (CDJ III; CCDJ) ~ *TAMBÉM* (GJB; DLNL; DVV) ~ *TAMBE* (CDJ III; CCDJ)
~ *TANBEEM* (CDJ III) ~ *TANBEM* (CDJ III) ~ *TANBE* (CDJ III) ~ *TÃBEM*
(CCDJ) ~ *TÃBE* (CCDJ) ~ *TAM BEM* (CPVC) ~ *TAM BÉM* (GJB)

• *AINDA NAM* (CDJ III; DVV) ~ *AYNDA NÃ* (CCDJ)

• *NOM MAIS* (CDJ III) ~ *MAIS NOM* (CPVC)

10 ADV < N

• *ASINHA* (CCDJ) ~ *ASSINHA* (CCDJ)

• *LOGO* (CPVC; CDJ III; CCDJ) ~ *LOGUO* (CPVC; CDJ III; CCDJ) ~ *LÓGO* (GJB; DLNL;
DVV)

• *ONTEM* (CPVC; CDJ III; GJB) ~ *OMTEM* (CPVC) ~ *ONTE* (CDJ III)

• *ORA* (CPVC; CDJ III; CCDJ; GJB) ~ *ÓRA* (GJB; DLNL; DVV)

11 ADV < PREP + PRON

- *DE TODO* (CPVC; CDJ III; CCDJ) ~ *DETUDO* (CPVC)
- *EM TUDO* (CCDJ)
- *PORÉN* (DVV) ~ *PORÉM* (DVV)
- *PER SI* (GJB)

12 ADV < ADV ... ADV

- *NOM... JÁ* (CPVC)
- *NÕ... AINDA* (CDJ III) ~ *NÕ... AYNDÁ* (CCDJ) ~ *NÕ... AJNDA* (CPVC) ~ *NÕ... AIMDA* (CDJ III) ~ *NAM... AINDA* (CCDJ) ~ *NOM... AJNDA* (CPVC)
- *NÃO... MAIS* (CDJ III) ~ *NOM... MAJS* (CPVC) ~ *NÃ... MAIS* (CCDJ) ~ *NAM... MAIS* (CDJ III) ~ *NAM... MÁIS* (GJB; DVV) ~ *NOM... MAIS* (CPVC; CDJ III) ~ *NÕ... MAIS* (CPVC)
- *NUMCA... MAIS* (CPVC)

13 ADV < PREP + N + PREP + N

- *DEPOMTA APOMTA* (CPVC)
- *DE FUMDO ACJMA* (CPVC)
- *DE GRÁU EM GRÁU* (DLNL)

14 ADV < PREP + PREP

- *ATRÁS* (GJB; DVV) ~ *ATRAS* (CDJ III)
- *AVAMTE* (CDJ III) ~ *AVANTE* (GJB; DLNL)
- *DETRAS* (CPVC)

15 ADV < PRON + ADV

- *OUTROSY* (CDJ III)
- *QUANTO MAIS* (CCDJ)

16 ADV < V

- *PERTO* (CPVC; CCDJ) ~ *PRETO* (CCDJ)

17 ADV < PREP + V

- *DE FEITO* (CDJ III) ~ *DE FEYTO* (CDJ III)

18 ADV < REFORÇO + PRON

- *MEESMO* (CPVC) ~ *MESMO* (CDJ III; GJB)

19 ADV < PRON + REFORÇO

- *YSO MESMO* (CDJ III)

20 ADV < ADV + REFORÇO

- *ASY MESMO* (CDJ III)

21 ADV < PRON + CONJ + PRON

- *POUCOS E POUCOS* (CPVC)

22 ADV < PREP + ADV + REFORÇO

- *ENTONCES* (CCDJ) ~ *E ÒTONCES* (CCDJ)

23 ADV < PREP + PREP + PREP

- *DEPOIS* (CPVC; CDJ III; CCDJ; GJB; DLNL) ~ *DESPOIS* (CVPC; CDJ III; CCDJ; DLNL)

24 ADV < PREP + PREP + ADV

- *POR DAVÁTE* (CDJ III)

25 ADV < PREP + ADV + ADV

- *PER AQUI ADIANTE* (DVV)

26 ADV < ADV + CONJ + ADV

- *MAIS E MAIS* (CPVC)

27 ADV < ADV + PREP + PRON

- *DHI A POUÇO* (CPVC)

28 **ADV < ADV + SP**

- *OJE EM DIA* (CDJ III)

29 **ADV < PREP + SN + PREP + SN**

- *DHU DA MÃO PERA A OUT^a* (CPVC)

30 **ADV < PREP + ADV + PREP + ADV**

- *DE POUÇO A MAIS* (DLNL)

31 **ADV < ADV + ADV + CONJ + (ADV) + ADV**

- *POUÇO MAIS OU (POUÇO) MENOS* (CPVC)

Referências bibliográficas

BARROS, J. de (1971). *Gramática da Língua portuguesa: Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor da nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Ed. Crítica de Maria Leonor Carvalhão Buescu.

CASTILHO, A. de. (1997). A gramaticalização. *Estudos: lingüísticos e literários*, v 19. Salvador: PPGLL-UFBA, p. 25-63.

COSTA, S. B. B. (1996). Adverbiais. In: Mattos e Silva, R. V. (org.). *A Carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500*. Salvador: EDUFBA.

COSTA, S. B. B. (2000a). Adverbiais no português dos séculos XV e XVI: indícios de gramaticalização. *Anais da XVII Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste*. Fortaleza: UFCE – CHC/ GELNE.

COSTA, S. B. B. (2000b). Adverbiais locativos e temporais no português dos séculos XV e XVI: proposta de análise. *Comunicação* apresentada à XVIII Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste. Salvador, 3 a 6.09.2000.

COSTA, S. B. B. (2001). Adverbiais espaciais e temporais em Fernão Lopes. *Comunicação* apresentada ao II Congresso Internacional da ABRALIN. Fortaleza: 14 a 16.03.2001 .

FORD, J. D. M. (Ed.). (1931). *Letters of John III, King of Portugal: 1521-1557*. Cambridge: Harvard University Press.

FORD, J. D. M e Moffat, L. G. (Eds.). (1931). *Letters of the court of John III, King of Portugal*. Cambridge: Harvard University Press.

LEHMANN, C. (1982). *Thoughts on grammaticalization: a programmatic sketch*. Arbiten des Kölner Universalien – Projekts 48. Cologne: Universität zu Köln, Institut für Sprachwissenschaft.

MATTOS E SILVA, R.V. (1999). Programa para a história da língua portuguesa (PROHPOR) – terceira fase. *Projeto de pesquisa* apresentado ao CNPq.

MATTOS E SILVA, R.V. (Org.). (1996). *A Carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500*. Salvador: EDUFBA.

PEREIRA, S. B. (1964). *Vocabulário da Carta de Pero Vaz de Caminha*. Rio de Janeiro: INL/MEC.

PONTES, E. (1978). Os determinantes em português. In: Lobato, L. et alii. *Lingüística e ensino do vernáculo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

RISSO, M. S. (1993). Agora... o que eu acho é o seguinte: um aspecto da articulação do discurso no português culto falado. In: Castilho, A. de. (org.). *Gramática do Português Falado: as abordagens*, v III. Campinas: Ed. UNICAMP/FAPESP.

SVOROU, S. (1993). *The grammar of space*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Co.

(Publicado em Mattos e Silva/ Machado Fº. *Português Quinhentista*)